

O CURRÍCULO E O SUJEITO EM FORMAÇÃO: análise das propostas curriculares dos cursos, na modalidade a distância, ofertados pelo IFSul – Câmpus Pelotas.

Ernesto Monteiro Perez¹

Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas²

Resumo:

O presente trabalho visa investigar qual o currículo está sendo operacionalizado nos cursos, na modalidade a distância, ofertados pelo IFSul - câmpus Pelotas. Além disso, identificar, a partir dos elementos constitutivos das propostas curriculares de cada curso, se está previsto, através das disciplinas ofertadas, conteúdos que possibilitem a implantação de uma educação libertadora que proporcione a construção de um sujeito crítico, questionador e autônomo. A pesquisa é composta por uma revisão bibliográfica sobre o papel do docente no processo formativo dos sujeitos em desenvolvimento, bem como se dá a construção do conhecimento empírico e científico. O resultado deste trabalho busca contribuir criticamente para processo pedagógico, a partir de uma reflexão sobre conhecimento, currículo e o papel do docente no processo formativo dos sujeitos em desenvolvimento.

Palavras-chave: conhecimento; currículo; formação do sujeito

THE CURRICULUM AND THE SUBJECT DEVELOPMENT: analysis of the proposed curriculum of courses in the distance mode, offered by IFSul – Câmpus Pelotas.

Abstract:

The present work aims to investigate how the curriculum is being operationalized in courses in the distance mode, offered by IFSul - campus Pelotas. Besides, identify, from the constituent elements of proposed curriculum of each course elements, it is expected, through the disciplines offered, content enabling the deployment of a liberating education that would allow the construction of a critical, inquisitive subject and autonomous. The research consists of a literature review on the role of teachers in the formative process of the subjects in development, as well as, the construction of the empirical and scientific knowledge. The result of this work seeks to critically contribute to the educational process, from a reflection on knowledge, curriculum and the role of teachers in the formative process of developing subject.

Keywords: knowledge; curriculum; subject development

Introdução

Vivemos no mundo da informação, a qual está disponível a uma grande parcela da população, entretanto, a informação por si só não gera o conhecimento. O conhecimento, seja ele inato ou oriundo da experiência, do racionalismo, da razão ou da interação, deve ser

¹ Graduado em Administração. Especialista em Gestão Integrada do Capital Intelectual. Professor do Curso Técnico em Administração no IFSUL/ Câmpus CAVG – Alunos especial do Mestrado em Educação e Tecnologia IFSul – ernestoperez@ifsul.edu.br

² Licenciada em Pedagogia habilitação em Supervisão Escolar, Mestre em Economia e Doutora em Linguística e Língua Portuguesa. Docente do Mestrado Profissional em Educação e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação UAB/IFSul – mrosta@hotmail.com

construído ao longo de um processo de aprendizado, que permita ao sujeito a construção de uma visão de si mesmo e do mundo que o cerca.

Com a evolução das tecnologias, com a globalização dos mercados e a diversidade de arranjos sociais, o sujeito da atualidade que vive nesse meio emaranhado possui inúmeras oportunidades, mas também grandes desafios, os quais precisam enfrentar. Nesse contexto, a Escola possui importante de formação de cidadãos capazes de problematizar, inovar e interagir frente aos desafios da realidade contemporânea.

Sendo assim, o estudante da nova sociedade deve estar pronto para criar, recriar e não copiar ou reproduzir o que já se tem. Para que haja evolução social, política e ideológica, este aluno precisa assumir consciência de sua trajetória, construindo condições para prática da cidadania, contribuindo para o desenvolvimento global.

Nesta linha reflexiva reconhecemos que, o professor, enquanto agente mediador de aprendizado, conduz o estudante na formação educacional, através de ações pedagógicas que lhes favoreçam o aprendizado. Entretanto, toda sua ação está voltada para a execução de uma diretriz implícita ou explicitada através do currículo que a escola apresenta.

Por currículo pode-se entender que é tudo que impacta nas ações da escola, sejam elas internas ou externas, que contemplam ações educativas, mas também ideológicas, documentais, de gestão e organização. A forma como o currículo é constituído e implementado é um aspecto de grande importância que definirá o rumo da trajetória educacional do estudante.

A partir dessas considerações iniciais, a proposta deste ensaio é contribuir criticamente para processo pedagógico, a partir de uma reflexão sobre conhecimento, currículo e o papel do docente no processo formativo dos sujeitos em desenvolvimento. Para tanto, serão apresentados resultados parciais da investigação realizada sobre o currículo que está sendo operacionalizado nos cursos, na modalidade a distância, ofertados pelo IFSul - câmpus Pelotas. Além disso, identificar, a partir dos elementos constitutivos das propostas curriculares de cada curso, se está previsto, através das disciplinas ofertadas, conteúdos que possibilitem a implantação de uma educação libertadora que proporcione a construção de um sujeito crítico, questionador e autônomo.

1. O sujeito em formação: que saberes são necessários refletir?

No paradigma contemporâneo referente a educação são constantes os processos de transformação, destacando-se, notadamente, a revolução tecnológica e dos meios de

informação, dinâmica que vem provocando novos modos de produção, organização e perfis formativos. Neste sentido, a educação formativa passa a ser reconhecida pela economia mundial como promotora de desenvolvimento social, político e econômicos dos países. Assim uma das características desse processo é conceber o conhecimento como um dos principais valores do cidadão, assim como a capacidade de inovação e empreendimento que este possui.

Neste contexto, de valorização do saber, a reflexão crítica sobre os fins da educação por parte dos profissionais da educação assume papel fundamental, visto que a produção do conhecimento dos sujeitos para ordem dominante tem sentido diferente de uma educação numa perspectiva humanizadora, crítica e reflexiva sobre a realidade ambiental, política, social, cultural, econômica, entre outros.

Vê-se, a partir daí, a importância de se fazer reflexões críticas nas diversas dimensões que envolvem a escola, o ensino, o aprender, a docência, buscando sempre a clareza sobre “Para que serve a Escola”, conforme nos provoca Sibilía (2012), em suas reflexões sobre o papel da escola no contexto contemporâneo.

Já se sabe que como seres aprendentes estamos em constantemente estimulados por curiosidades e reflexões. Nesse caso, ao despertar um senso crítico e reflexivo nos sujeitos, estamos nos preparando para perceber o mundo de forma diferente e analisar as situações que o rodeiam de maneira consciente. Sob esse ponto de vista o professor é aquele que no processo de ensino assume o papel de mediador e promotor de estratégias facilitadoras e provocativas aos estudantes da capacidade e do desejo de delinear seu próprio itinerário formativo. Para isso, é preciso ter claro que sujeito se quer formar, que epistemologias embasam as ações educativas que contribuirão para a formação integral dos sujeitos.

Ao refletirmos sobre o conhecimento, encontramos em Immanuel Kant, a origem clássica apriorista, onde o sujeito já traz consigo, as condições de aprendizagem e conhecimento que se manifestarão imediatamente (inatismo) ou após um processo de maturação. Becker (1992), afirma sobre este conceito:

A concepção de conhecimento que acredita que se conhece porque traz algo, ou inato ou programado, na bagagem hereditária, para amadurecer mais tarde em etapas previstas. [...] são aqueles que pensam que o conhecimento acontece em cada indivíduo porque ele traz já, em seu sistema nervoso, o programa pronto. (BECKER 1992, p. 90)

Na sequência histórica, o empirismo, fundamentados em John Locke e David Hume, anuncia que a fonte de todo conhecimento é a experiência, e o racionalismo e a razão. Sobre empirismo, Becker (1992) afirma que:

O conhecimento é algo que vem de fora da pessoa, independente de sua vontade e se instala. A pessoa, indivíduo ou, de modo geral, o sujeito, não tem mérito nisso, é passivo [...] com isso podemos dizer que empiristas são aqueles que pensam que o conhecimento acontece porque nós mesmos ouvimos, tateamos, etc. e não porque agimos [...] (BECKER 1992, p. 90)

Independente da teoria sobre conhecimento, seja apriorista, seja empirista, é importante considerar que o professor necessita assumir a reponsabilidade e o papel de mediador nessa construção do processo educacional, permitindo aos sujeitos a possibilidade de criar e recriar, de reconstruir o velho e construir o novo, de refletir constantemente sobre o que existe e assim atualizar sua visão de si e do mundo.

Cada sujeito tem seu tempo de aprendizado, possuem experiências significativas que foram sendo adquiridas ao longo de suas vidas e trazem realidades distintas. Para Freire, esses saberes são o ponto de partida para o desenvolvimento de conhecimentos sócio-cultural-político-econômico- e bio-físico-químico. São os “saberes da experiência feita”, o saber do mundo e com o mundo, que precede as palavras. A construção coletiva para a formação deste sujeito requer habilidades e atitudes diferentes do professor tradicional, um vez que algumas características proporcionam um melhor desempenho na sua atuação docente.

Para Scocuglia (2005):

[...] saberes comuns e científicos são diferentes e não são por uma suposta relação de superioridade/ inferioridade ou conhecimento maior/menor e, sim, porque são saberes de naturezas diferentes e por isso mesmo, tão importante quanto o outro. (SCOCUGLIA 2005, p. 83)

Ainda, concepção sócio interacionistas do conhecimento, advindas das teorias da epistemologia genética de Piaget e da pesquisa sócio-histórica de Vygotsky, denominada construtivista, parte da ideia de que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

Para Becker (1992):

O construtivismo na Educação poderá ser a forma teórica ampla que reúna as várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendência que tem em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima (Ideologia) em construir essa forma particular de transmissão que é a Escola, que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto. (BECKER 1992, p. 88)

Nesta concepção, o conhecimento não se resume em atingir a verdade absoluta, em representar o real tal como ele é, mas numa questão de adaptação (noção trazida da biologia) do organismo a seu meio ambiente. Assim, o sujeito do conhecimento está o tempo todo modelando suas ações e operações conceituais com base nas suas experiências. O próprio

mundo sensorial com que se depara é um resultado das relações que se mantém com este meio, de atividade perceptiva para com ele, e não um meio que existe independentemente.

Ainda Becker (1992) nos diz que:

[...] nada, a rigor, está pronto, acabado, e que, especificamente o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo com das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. (BECKER 1992, p. 87)

2. A Construção do conhecimento e o papel docente

Estamos vivendo em um momento de supervalorização da comunicação, da informação e do conhecimento em todas as esferas sociais. Hoje, muito mais que no passado, o conhecimento é diferencial e determinante para permanência em uma sociedade dirigida pelo letramento, tecnologias e comunicações instantâneas, fruto do mundo globalizado, nos quais exigem conhecimentos especializados, ou hiper-conhecimentos (Morin 2000). Os postos de trabalho estão necessitando de pessoas com saberes cada vez mais avançados, seja com relação a tecnologia e/ou automação, seja para o desenvolvimento de pesquisas.

Por outro lado, com a rapidez dessa evolução surge um aumento do analfabetismo, não pela incapacidade de ler ou escrever, mas analfabetos funcionais, digitais, políticos, etc. Com base nesta realidade, é importante considerar os desafios demandados pelas novas diretrizes para educação que requer novas organizações e superação de paradigmas, a fim de atender a realidade social, cultural e econômica.

Práticas docentes pautadas no paradigma tecnicista, com vistas à empregabilidade imediata, independentemente da modalidade na qual seja desenvolvida, na perspectiva do Plano Nacional de Desenvolvimento Educacional, deverão ser substituídas por práticas que promovam a construção de conhecimentos e aquisição de competências que possibilitem interferir no processo produtivo, compreender as formas de produção e desenvolver habilidades que capacitem o trabalhador para o exercício da reflexão, da crítica, do estudo e da criatividade. No entanto, cabe dizer que ainda encontramos práticas, no âmbito escolar, que não contemplam estas concepções educativas.

No contexto escolar ainda são presentes práticas referenciadas no modelo positivista, a formação escolar que privilegia condutas idealizadas e para a heteronomia. Ao recorrer nossa memória do tempo escolar, facilmente vem a tona os raros espaços para o diálogo, questionamentos e expressão dos saberes adquirido do meio cultural vivido, bem como para

construção do conhecimento, pois bastava fazer uso da memória para registro dos saberes docente e depois expressar esta memorização nos instrumentos avaliativos. Na realidade é um modelo de ensino, excludente e limitador dos espaços para o desenvolvimento da autonomia, que não favorece a construção do conhecimento.

Becker (1992) afirma que:

[...] uma simples mudança de concepção epistemológica não garante, necessariamente, uma mudança de concepção pedagógica ou de prática escolar, mas sem essa mudança de concepção – superando o empirismo e o apriorismo – certamente não haverá mudança profunda na teoria e na prática de sala de aula. A superação do apriorismo e, sobretudo, do empirismo é condição necessária, embora não suficiente de avanços apreciáveis e duradouros na prática docente. (BECKER 1992, p. 92).

Juntamente com a mudança epistemológica o ato de educar precisava vir carregado de sentido, de provocações para a transformação, conforme o que Loureiro (2004) anuncia “Educar é Emancipar”, isto é, fazer com que no processo educativo haja espaço para a problematização da realidade, para a autonomia dos sujeitos, bem como para a instrumentalização para o exercício da cidadania.

O processo de formação profissional, não é uma ação que se dá somente na individualidade, mas que acontece também junto a seus pares.

Outro fato a considerar é que muitos docentes chegam à instituição escolar como iniciante no exercício da docência e com uma formação pedagógica nem sempre condizentes com os desafios da prática. Encontram um ambiente a construir com as tensões próprias dessa condição de reconhecimento e estabilidade. São portadores de representações sobre os educandos e sobre as aprendizagens que necessitam adaptar à configuração local.

E o compromisso pedagógico de instalar um processo de constante revisão nas concepções epistemológicas que embasam o fazer docente, desafio que demanda investimentos sistemáticos em formação continuada e no cuidado como as mediações que acontecem nas instituições de ensino a fim de refletir interação entre o sistema escolar, seus currículos e as relações sociais.

3. Influência do currículo nas ações pedagógicas

Para Silva (2009) o currículo vai muito além do que as teorias tradicionais afirmam e, segundo o autor, currículo é lugar espaço território, relação de poder, trajetória viagem e percurso. O currículo é texto, discurso, autobiografia e documento. Ou seja, currículo é tudo que impacta e está presente no meio escolar e que repercute no sujeito, na sociedade, na cultura local.

Afirmativa que nos leva a reflexão sobre que currículo escolar vem sendo promovido nas escolas, o que vem sendo oportunizando, através de suas práticas educativas, terão os sujeitos igualdade de oportunidades para estes possam se desenvolver enquanto sujeitos cidadãos, agente ativo em uma sociedade democrática? É uma questão a permanecer ativa na consciência de cada docente formador.

Segundo Freire (1996) a gestão democrática e a autonomia escolar/educativa constituem um dos alicerces para a reinvenção de um currículo que permita a construção de espaços democráticos, de reflexão e diálogo, contemplando assim a construção coletiva dos agentes que fazem parte do processo. Um currículo que permita a reinvenção, participação, interferência, sugestão, adequação, reflexão, modificação, reavaliação e demais reflexões que fazem parte do dia a dia e que necessariamente vão forjando a identidade escolar.

A escola contribui para o processo de aprendizado e construção do conhecimento não apenas através de seus conteúdos explícitos, mas também pelo seu currículo, que contempla suas ideologias e sua forma de atuação. Para tanto, a participação de todos sujeitos envolvidos nesse processo educativo se faz necessária nessa construção para que a formação do estudante vá ao encontro dos anseios da sociedade, contribuindo, assim, de maneira significativa para a modificação de uma realidade.

Para Scocuglia apud Freire (2005):

[...] os conteúdos programáticos, as metodologias utilizadas e os fundamentos epistemológicos que alicerçam a construção curricular, entre outros, deve estar contextualizados e influenciados pela cultura e pelas experiências de vida dos atores educacionais que estão envolvidos nessa construção, a saber: educandos, gestores, pais, comunidade educativa (escolar ou não). (SCOCUGLIA 2005, p. 82).

Além disso, o envolvimento na construção de um currículo que represente a realidade dos agentes protagonistas envolvidos no processo educativo, considerando toda sua bagagem cultural, histórica e social, impulsiona para um engajamento e estímulo no processo de ensino e aprendizagem, traduzindo em uma pedagogia dialógica e crítica-reflexiva. A Escola não é uma construção que está a interesse individual, mas do coletivo. Não pertencem exclusivamente aos dirigentes escolares, aos professores, mas principalmente devem pertencer aos educandos, pois estes devem ser chamados a construir seu currículo e a problematizá-lo, não simplesmente aplicá-lo ou consumi-lo.

Para Scocuglia (2005):

O sentido de pertencimento com relação ao conhecimento, à construção do currículo e à aplicação coletiva pode ser um detonador de um sentimento mais amplo de pertencimento em relação ao processo educativo ou à escola. [...] educandos e educadores, pais e dirigentes, técnicos e comunidade educativa em geral, sentirem que o processo de conhecimento e de educação lhes pertence e não aos outros, como de costume teríamos um terreno fértil para construção do “sucesso qualificado” [...] o currículo torna crítico e

reflexivo quando mais pertence aos principais protagonistas educacionais/escolares” (SCOCUGLIA 2005, p. 83)

O currículo deve contemplar um espaço discussão, reflexão e questionamentos dos estudantes, já que a formação integral do sujeito está sendo proposta por essa escola. A escola não pode e nem deve ser mais um local de repressão social, remetendo a uma produção de poder sobre a sociedade, mas diferentemente, deve ser transformadora e transformada a cada dia pelos integrantes e sua comunidade. Mesmo as escolas tradicionais, e são a grande maioria, deve ressignificar o seu modo de atuação, avançando seus muros de construção panópticas, para atender a esses novos anseios.

Segundo Silva (2009);

A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham oportunidade de exercer suas habilidades democráticas da discussão e da participação de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social. Por outro lado, os professores e as professoras não podem vistos como técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidas nas atividades da crítica e do questionamento, a serviço do processo de libertação e emancipação.(SILVA 2009, p. 55)

O papel do professor, nesse contexto dialógico e libertador está de mediador do estudante que busca o conhecimento de forma autônoma e consciente, para que o desenvolvimento de seu aprendizado tenha condições adequadas no êxito em sua trajetória. Para isso, um olhar atento às práticas de ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização e planejamento são os pontos a serem fortemente analisados e contemplados nos planos curriculares e atuação dentro da sala de aula.

Para Scocuglia (2005):

A construção do currículo, alicerçada pelo conhecimento-consciência-dialogo, facilitaria a prática e a reflexão sobre os conteúdos e as metodologias (e os livros didáticos e as demais atividades), abriria a possibilidade concreta para que os currículos educacionais ganhassem continuamente criticidade e qualidade, e contribuíssem para a reeducação do coletivo que faz a educação e a escola. (SCOCUGLIA, 2005 p. 87)

Um currículo que possibilite a mudança de uma realidade e ultrapasse os muros da escola, traz em seu contexto, de forma explícita ou implícita, as ideologias de um povo, a cultura social, as relações de sociais de produção, suas representações e classes sociais. Uma escola emancipadora, deve considerar o multiculturalismo, desconstruindo o preconceito de gênero, raça, etnia e sexualidade, considerando a identidade de seus integrantes, mas reconhecendo as diferenças desses sujeitos. Uma escola que prepara o estudante não apenas para exercer um ofício, mas prepara-o para vida, para atuação em sociedade, para o exercício da cidadania.

Desenvolvimento do Estudo

Partindo das considerações iniciais, a pesquisa em andamento é composta por uma farta revisão bibliográfica sobre o papel do docente no processo formativo dos sujeitos em desenvolvimento, bem como se dá a construção do conhecimento empírico e científico.

Baseado nestes referenciais, buscamos verificar qual a concepção de conhecimento necessária na formação de uma educação libertadora que proporcione a construção de um sujeito crítico, questionador e autônomo. O estudo está sendo realizado em um curso de pós graduação, do Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul, na modalidade a distância, o qual será a amostra desse trabalho. Para fins desta pesquisa, o referido curso terá denominação de ALFA, preservando, desta forma, sua identidade e de seus agentes envolvidos na construção/execução.

A trajetória inicia pela seleção da proposta curricular do curso ALFA para, a partir daí, identificar o rol de componentes curriculares e ementas que compõe cada matriz. Esse mapeamento consiste em abranger 100% dos componentes curriculares e suas ementas, para a uma maior compreensão da proposta pedagógica e de formação do referido curso.

Além disso, considerando a revisão bibliográfica realizada, será verificada a existência de elementos que apontem a educação libertadora e que favoreçam a formação do sujeito enquanto profissional e cidadão do mundo atual. Para isso, será verificada a percepção do aluno matriculado neste curso e suas perspectivas de formação.

Por fim, através destes elementos, pretende-se enumerar os saberes necessários para esta construção e delinear o papel do docente em cada um dos componentes curriculares do curso em análise, além de fazer uma investigação comparativa entre as disciplinas ofertadas, por curso, e o encadeamento lógico de cada matriz curricular.

Considerações Finais

Reconhecemos o espaço da escola, como sendo uma comunidade aprendente, que segundo Brandão (2005), “as pessoas estão também inter-trocando saberes entre elas. Estão se ensinando e aprendendo” já que favorece a expressão entre seus componentes dotados de diferenças pessoais, de posturas, crenças, valores e diferenças epistemológicas.

A convergência de ações pautadas em estruturas curriculares advindas de um currículo que contemple o universo interno e externo da escola, aliados a ações pedagógicas que

permitam a ascensão cultural, política histórica e sociológica, contribuirão para a formação do cidadão que traz em seus valores a formação integral de um sujeito crítico-reflexivo.

Resgatando o referencial teórico apresentado e analisando as evidências extraídas do levantamento de dados ao qual esta pesquisa se propunha, já foram possíveis estabelecer resultados parciais de grande pertinência. Inicialmente percebemos que há uma distância entre os profissionais que elaboram e os que executam o currículo proposto para este curso. Considerando a estrutura de organização da Instituição e a crescente demanda por ações educativas que são propostas pela carreira dos docentes de Instituição em análise, os profissionais que participaram da construção e elaboração do currículo do curso ALFA já não fazem parte do corpo docente atuante das turmas vigentes. Logo, as concepções iniciais de formação do currículo em análise, já não condizem com o sujeito de formação da atual realidade.

Outro aspecto que faz parte do escopo das análises realizadas é com relação a matriz curricular do curso, que possui uma vasta enumeração de habilidades e competências que os alunos deverão desenvolver, porém é preciso aprofundar os estudos no sentido de verificar a eficácia na relação dos conteúdos e a formação pretendida. Sem esta relação, idealizador-executor, o currículo se corporifica por um ideário projetado.

Por fim, observamos, ainda, que coletamos muitos dados que serviriam para a pesquisa com outras variantes, antes não identificados. Sendo assim, entendemos que ainda é necessário aprofundar as análises, verificando, não só a composição do curso, mas a composição de cada componente curricular.

Referências Bibliográficas

BECKER, Fernando. O Que é construtivismo?. Revista de Educação. AEC, Brasília, DF, v. 21, n. 83, p. 7-15, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: JUNIOR, Luiz Antônio Ferraro (Org). Encontros e Caminhos: Formação de Educadores Ambientais e Coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Cortez, 1996.

LOUREIRO, Carlos F. B. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo: Cortez, 2004

MORIN, E. Os Sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. As Reflexões Curriculares de Paulo Freire. Revista Lusófona de Educação, 2005, 6, 81- 92.

SIBILIA, Paula. Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.